

Entrevista especial com Fritjof Capra

Alfabetização ecológica

E CRESCIMENTO QUALITATIVO

A sustentabilidade corporativa e o desenvolvimento sustentável conquistam cada vez mais espaço na agenda de governos e iniciativa privada, e a sociedade já cobra respostas efetivas. Entretanto, ainda há muitas discussões em torno dos caminhos alternativos para a insustentabilidade do modelo econômico que rege o mundo.

por **Maria Fernanda Romero**

FRITJOF CAPRA, físico austríaco e teórico de sistemas, diretor fundador do Centro de Ecoalfabetização de Berkeley, e um dos maiores pensadores do mundo na área da sustentabilidade, fala à **TN Petróleo** um pouco sobre dois conceitos que defende e que são extremamente pertinentes às discussões nos dias de hoje, e reúnem pontos essenciais para que se consiga fazer a mudança para uma economia mais verde e para um futuro mais sustentável.

TN Petróleo – A percepção da necessidade de mudanças de paradigmas e valores na busca do desenvolvimento sustentável já é uma realidade. O que falta, na sua opinião, para de fato concretizarmos a mudança?

Fritjof Capra – Estamos agora à beira de uma profunda mudança cultural, uma mudança de uma visão de mundo mecanicista para uma visão holística e ecológica, de um sistema de valores dominado pela concorrência, expansão e de dominação, para outro, baseado na cooperação, conservação e parceria. Os valores centrais do novo paradigma são a dignidade humana e a sustentabilidade ecológica. No entanto, o sistema de valores antigo ainda está presente nas empresas multinacionais que perseguem a ilusão do crescimento quantitativo e, no caso do setor de energia, se baseiam nos processos de produção de combustíveis fósseis. Hoje, estes valores desatualizados corporativos são os principais empecilhos.

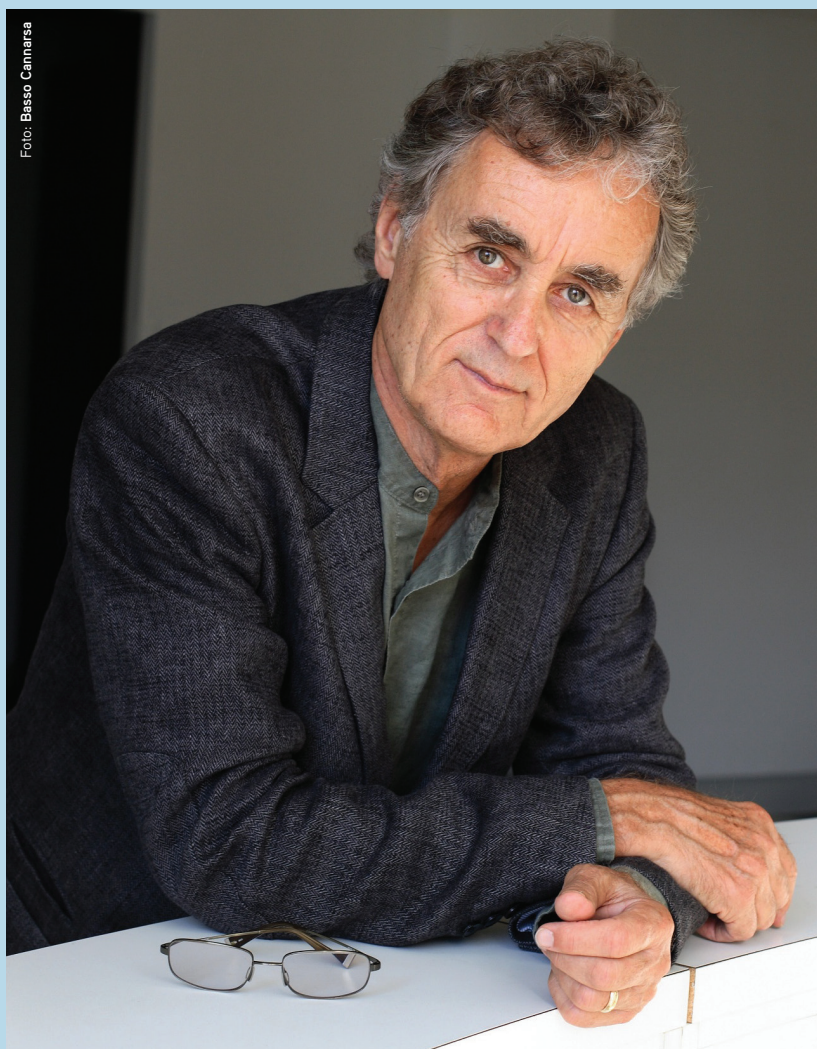


Foto: Basso Cannarsa

O Centro de Ecoalfabetização trabalha inspirado na educação ecológica como disciplina. Qual a proposta desse tipo de educação?

Vou começar com o conceito de sustentabilidade ecológica. Uma comunidade sustentável é concebida de tal maneira que seus modos de vida, negócios, econo-

mia, estruturas físicas e tecnologias não interferem com a capacidade inerente da natureza de sustentar a vida. O primeiro passo nessa empreitada deve ser o de entender os princípios de organização que os ecossistemas desenvolveram para dar suporte à teia da vida. Esse entendimento é o que eu chamo de 'alfabetização ecológica', a compreensão dos princípios básicos da ecologia e a vida com base nesses princípios. Hoje, esse entendimento é crucial para a sobrevivência e o bem-estar da humanidade.

Vocês acreditam que desta forma iremos atingir as novas gerações e os líderes governamentais e empresariais no que se refere às transformações para alcançarmos um mundo sustentável ou pelo menos mais preocupado com isso?

No Centro de Ecoalfabetização em Berkeley, desenvolvemos uma pedagogia especial para nossas escolas, ensinando os princípios básicos da ecologia e as habilidades que são necessárias para construir e nutrir comunidades sustentáveis. É uma pedagogia que oferece uma abordagem experiencial, participativa e multidisciplinar. Estou feliz em dizer que temos sido muito bem-sucedidos nessa empreitada, atingindo mais de cinco milhões de crianças da escola. Eu mesmo também ensino a ecologia e o pensamento sistêmico para líderes empresariais. No Brasil, tenho feito isso também em colaboração com a Amanah-Key nos últimos 20 anos.

Essa alfabetização ecológica já é aplicada em outros países? Como introduzi-la no Brasil?

O Centro tem trabalhado com escolas de 300 cidades em seis continentes. Mantemos vários seminários durante o ano, que são assistidos por educadores de todo o mundo. No Brasil, também temos colaborado com o Instituto Ecoar, em São Paulo.

Qual o grande desafio do século XXI no que se refere à sustentabilidade?

O grande desafio do século XXI é evitar o colapso climático que ameaça desestabilizar os ecossistemas ao redor do mundo, causa a extinção em massa de vida vegetal e animal, e a sobrevivência da humanidade. Para evitar este destino

terrível, precisamos mudar, o mais rápido possível, para uma era pós-carbono com as energias renováveis a partir de fontes amplamente distribuídas e compartilhadas através de redes inteligentes em toda a toda a sociedade.

O Brasil é um país com significativa mobilização empresarial em torno dos temas ligados à responsabilidade social empresarial, além disso, é um dos líderes na adoção de energias renováveis. Como você avalia o posicionamento do Brasil com relação ao desenvolvimento sustentável?

Embora o Brasil tenha sido líder no desenvolvimento de etanol e outros biocombustíveis, estes esforços têm tido um efeito negativo, pois cada vez mais terras férteis estão sendo utilizadas pelos grandes agricultores brasileiros para a produção desses energéticos, em vez de alimentos, não só no Brasil, mas também no Paraguai e na Bolívia. As consequências ambientais de tal conversão de terras enormes pode cancelar todo o progresso que o Brasil tem feito para o desenvolvimento sustentável em outros setores. Enquanto Angela Merkel acaba de investir 200 bilhões de euros em energias renováveis na Alemanha, o Brasil está investindo uma quantidade similar nas recém-descobertas reservas do pré-sal de petróleo, uma forma manifestamente insustentável de energia. Assim, a liderança do Brasil no setor de energia é provável de acabar em breve.

Qual o grau de influência das empresas na sustentabilidade? E das ONGs? E do governo?

Acredito que a mudança para um futuro sustentável só será possível se os três centros de poder que existem no mundo de hoje – governo, empresas e sociedade civil – colaborarem. Em minha experiência, a colaboração destes três centros de poder tem sido mais bem-sucedida no Brasil, a partir do momento que o Presidente Lula criou conselhos especiais que permitem a entrada da sociedade civil e das empresas diretamente à presidência e, assim, ajudar o governo a ganhar uma perspectiva ampla e sistêmica. Sei, é claro, que o Brasil ainda apresenta muitos problemas,

entretanto, com essa ampla colaboração entre diferentes setores, o Brasil poderia ser um modelo para o mundo.

Como as organizações podem construir vantagens competitivas sustentáveis?

Precisamos ter cuidado aqui para não abusar do conceito de sustentabilidade ecológica. O que se sustenta em uma comunidade sustentável não é o crescimento econômico ou a vantagem competitiva, mas toda a teia da vida de que nossa sobrevivência depende no longo prazo. No longo prazo, as empresas que sejam ecologicamente sustentáveis também terão uma vantagem competitiva, porque vão satisfazer às regulamentações ambientais e as preferências dos clientes.

Você defende o conceito de crescimento qualitativo como uma alternativa para o nosso modelo de desenvolvimento. Como define este conceito? Já há exemplos práticos dessa aplicação?

Em vez de avaliar o estado da economia em termos de quantitativo bruto do WPIB (Produto Interno Bruto), é preciso distinguir entre o crescimento 'bom' e o crescimento 'ruim' e, em seguida, aumentar o primeiro em detrimento deste último, para que os recursos naturais e humanos amarrados aos processos de produção inúteis e inconsistentes possam ser liberados e reciclados, como recursos para processos eficientes e sustentáveis. Do ponto de vista ecológico, o crescimento ruim é o dos processos de produção e serviços que externalizam custos sociais e ambientais, são baseados em combustíveis fósseis, que envolvem substâncias tóxicas, esgotam os recursos naturais e degradam os ecossistemas da Terra. O bom crescimento é o crescimento de processos de produção mais eficientes e serviços que envolvam energias renováveis, emissão zero de poluentes, reciclagem contínua de recursos naturais e restauração dos ecossistemas da Terra. Imposto de mudança, ou seja, reduzir os impostos sobre o trabalho e o aumento em várias atividades ambientalmente destrutivas, que agora é feito em vários países, é um primeiro passo para o crescimento qualitativo. ■